

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO – UNISAGRADO

AMANDA SAMPAIO GOMES

FOTOLIVRO SOBRE A COBERTURA FOTOJORNALISTICA DA “MARCHA:
MULHERES EM LUTA”

BAURU

2023

AMANDA SAMPAIO GOMES

FOTOLIVRO SOBRE A COBERTURA FOTOJORNALISTICA DA “MARCHA:
MULHERES EM LUTA”

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo - Centro Universitário Sagrado
Coração.

Orientadora: Prof.^a Dra. Erica Cristina de
Souza Franzon

BAURU

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

G6331f	<p>Gomes, Amanda Sampaio</p> <p>Fotolivro sobre a cobertura fotojornalística da “Marcha: Mulheres em Luta” / Amanda Sampaio Gomes. -- 2023. 37f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dra. Erica Cristina de Souza Franzon</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Jornalismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP</p> <p>1. Cobertura fotográfica. 2. Fotojornalismo. 3. Fotolivro. 4. Movimentos femininos. I. Franzon, Erica Cristina de Souza. II. Título.</p>
--------	---

AMANDA SAMPAIO GOMES

FOTOLIVRO SOBRE A COBERTURA FOTOJORNALÍSTICA DA “MARCHA:
MULHERES EM LUTA”

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo - Centro Universitário Sagrado
Coração.

Aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Erica Cristina de Souza Franzon (Orientadora)
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a Dra. Jéssica de Cássia Rossi
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a Dra. Neide Maria Carlos
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

“They hear you. They feel exactly what you feel at the same time that you feel it. It’s what I strive for every time I open my mouth: that impossible connection.” (KAY, 2014, p. 78).

RESUMO

O presente trabalho aborda a produção de uma narrativa fotográfica jornalística utilizando um fotolivro como formato. O propósito da pesquisa é apresentar e documentar uma cobertura fotográfica da Marcha: Mulheres em Luta, realizada em prol do Dia Internacional das Mulheres, em Bauru, no ano de 2019. Os temas de discussão envolvem movimentos sociais femininos, cobertura fotográfica de manifestações sociais e o fotolivro como representação visual dos fatos. A pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa, com objetivo exploratório e natureza aplicada. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica para fundamentar os assuntos estudados e pesquisa documental para analisar os dados que abrangem o tema. Como resultados, constatou-se que a produção de um fotolivro como meio de exposição dos fatos, pode impactar na disseminação de informações e na forma como o público interpreta e reage às situações que envolvam fatos sociais. O produto conta com uma versão digital e física, com 56 páginas e 42 fotografias.

Palavras-chave: Cobertura fotográfica. Fotojornalismo. Fotolivro. Movimentos femininos.

ABSTRACT

The present work addresses the production of a journalistic photographic narrative using a photobook as a format. The purpose of the research is to present and document a photographic coverage of the Marcha: Mulheres em Luta, held in support of the International Women's Day, in Bauru. Discussion topics involve female social movements, photographic coverage of social manifestations and the photobook as a visual representation of the facts. The research was carried out with a qualitative approach, with an exploratory objective and applied nature. The methodology used was bibliographical research to substantiate the subjects studied and documentary research to analyze the data that cover the theme. As a result, it was found that the production of a photobook as a means of exposing facts can impact the dissemination of information and the way the public interprets and reacts to situations involving social facts. The product has a digital and physical version, with 56 pages and 42 photographs.

Keywords: Photographic coverage. Photojournalism. Photobook. Women's movements.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
1.1	PROBLEMA.....	08
1.2	HIPÓTESE.....	08
1.3	OBJETIVOS.....	08
1.3.1	Objetivo geral.....	08
1.3.2	Objetivos específicos	09
1.4	JUSTIFICATIVA.....	09
1.5	ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS.....	10
2	METODOLOGIA	12
3	MOVIMENTOS SOCIAIS	15
.1	AS MULHERES EM MANIFESTAÇÕES SOCIAIS.....	17
4	O FOTOJORNALISMO E A COBERTURA DE MANIFESTAÇÕES	21
5	FOTOLIVRO COMO MEIO DE REPRESENTAÇÃO VISUAL DOS FATOS	26
6	PROCESSO DE PRODUÇÃO	32
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta um relatório de fundamentação teórica e um produto na modalidade de fotolivreto. O propósito é documentar, arquivar e informar, através da cobertura fotográfica realizada pela autora, a “Marcha: Mulheres em Luta”, realizada em 09 de março de 2019 em Bauru. O evento foi organizado coletivamente por entidades e movimentos da cidade, contemplando pautas como a aposentadoria digna, o fim da violência e feminicídio e a necessidade de implantação de uma Delegacia da Mulher com funcionamento por 24 horas, implantada, posteriormente, em 2022. A narrativa apresenta os fatos ocorridos do início ao fim da manifestação, como a organização, as expressões corporais durante a caminhada e as mensagens transmitidas. A marcha foi realizada em prol do dia Internacional das Mulheres de 2019, sendo último evento do tipo que ocorreu na cidade até o ano de 2023.

De acordo com os “Indicadores sociais das mulheres no Brasil - 2ª edição”, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os anos de 2012 e 2019, é possível compreender a participação das mulheres no setor profissional, na educação e na política. A maioria dos espaços ocupados em cursos de graduação são representados por mulheres, a proporção foi de 59% em 2019. Apesar disso, analisando os cargos de liderança em nível gerencial nas empresas, os números são inferiores em relação aos homens, a taxa de mulheres foi de 37,4% em 2019, já em 2012, foi de 36,8%. No cenário político, as cadeiras ocupadas por mulheres na Câmara dos Deputados em 2019 foi de 76, de um total de 513. Os avanços foram pequenos, o que reforça ainda mais a disparidade de gênero no país.

Como uma maneira de lutar contra as desigualdades e preconceito de gênero, as mulheres se unem através dos movimentos sociais. Os movimentos sociais são fenômenos históricos que surgem a partir de cenários de inquietação social e intenção de melhorias da vida (GOHN, 1997). No contexto das mulheres, os movimentos sociais femininos representados em manifestações como protestos, marchas e expressões culturais, podem trazer visibilidade e potencializar questões sociais, políticas e culturais presentes na sociedade. Nesses movimentos, as principais reivindicações das mulheres são por igualdade de gênero, políticas públicas e direito à educação. Esses movimentos representam uma importante força de resistência e transformação social, promovendo a conscientização e a

mobilização em torno das pautas femininas. Ao se unirem, as mulheres fortalecem suas vozes e ampliam o alcance de suas demandas, desafiando estruturas patriarcais e trabalhando para construir uma sociedade mais equitativa.

Utilizando o fotojornalismo como suporte de comunicação que as informações sobre os eventos e acontecimentos relevantes durante a manifestação serão apresentados. Como um meio de observação e conhecimento, o fotojornalismo "mostra, revela, expõe, denuncia e opina", disseminando informação e contribuindo para credibilizar e complementar o conteúdo jornalístico (SOUSA, 2002, p. 5). Uma das características mais importantes da fotografia jornalística é sua capacidade de transmitir emoções e informação através de uma imagem. As fotografias podem evocar sentimentos de empatia, compaixão, raiva, medo, entre outros, e são, frequentemente, usadas para chamar a atenção para questões sociais e políticas.

Para a exposição do tema do trabalho, o fotolivro será estudado como uma forma de documentação visual desse período, utilizando as imagens para expressar as problemáticas apresentadas ao longo de uma manifestação. O formato é caracterizado como uma obra construída majoritariamente por fotografias, potencializando o repasse de pensamentos através de uma abordagem com mais liberdade criativa (MAZZILLI, 2020). A pesquisa investigará como a produção de um fotolivro pode ajudar a preservar, documentar e divulgar um fato. Segundo Kossoy (1980), a fotografia jornalística é capaz de auxiliar estudos históricos de forma testemunhal, permitindo gravar um momento e "possibilitando a reconstituição de aspectos vários da cena passada". Com base nesses aspectos, serão analisados os métodos utilizados na seleção e organização das fotos, as histórias que são contadas e como elas são transmitidas. Além disso, a pesquisa buscará entender como o fotolivro pode atuar na construção de uma narrativa visual, com a construção da memória coletiva de uma sociedade e para a formação de um arquivo histórico dos fatos apresentados.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para a compreensão da importância da produção de fotolivros como uma ferramenta de documentação e registro de manifestações populares, bem como fornecer informações úteis para estudiosos ou profissionais da comunicação que desejam compreender o assunto abordado, como é a cobertura fotográfica de manifestações e como o fotolivro é estruturado.

1.1 PROBLEMA

A produção de fotolivro como meio de exposição e documentação de imagens, envolve técnicas fotográficas, construção de narrativa, estilo de exposição e diagramação que buscam levar ao leitor as informações necessárias para conhecer e compreender o assunto retratado, além disso, ter uma experiência visual durante a consulta.

Sendo assim, o problema de pesquisa permeia a seguinte pergunta: qual é o papel da produção de um fotolivro na documentação e registro de manifestações populares?

1.2 HIPÓTESE

O desenvolvimento de um fotolivro pode ser um meio de narrar e documentar uma manifestação popular, permitindo a preservação da história e significado do evento.

A organização e estruturação de uma narrativa visual contribuirá com a interpretação do fato, sobre como são as reações, sentimentos e conflitos que ocorrem ao longo de uma manifestação popular. A apresentação das imagens, respeitando o início e o fim do evento, poderá informar as motivações por questões sociais que levaram os manifestantes para as ruas.

Partindo do pressuposto que a fotografia é uma maneira eficaz de contar histórias ao longo dos anos, um fotolivro pode tornar-se material de apoio não só para preservar a memória coletiva, mas também para pesquisas e estudos sobre eventos passados, o momento político e as reivindicações do período.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

A pesquisa tem como objetivo apresentar uma cobertura fotográfica da Marcha: Mulheres em Luta, ocorrida em Bauru, utilizando um fotolivro como formato de documentação e exposição.

1.3.2 Objetivos específicos

- Realizar pesquisa bibliográfica sobre os principais conceitos do tema abordado, como: movimentos sociais, movimentos sociais feministas, fotojornalismo e fotolivro;
- Documentar através de imagens as mensagens, emoções e conflitos presentes em uma manifestação;
- Aplicar técnicas do fazer fotojornalístico para cobertura fotográfica;
- Estudar e explorar técnicas de produção editorial e estilos de diagramação;
- Apresentar em um fotolivro uma narrativa com a cobertura fotográfica de manifestações populares femininas;
- Contribuir para a valorização de movimentos que reivindicam melhores condições para mulheres.

1.4 JUSTIFICATIVA

A preservação e documentação de coberturas fotográficas de manifestações sociais desempenham um papel fundamental ao permitir que eventos passados possam ser consultados e estudados em momentos futuros. Conforme defendido por Kossoy (1980, p. 12), fotografias autênticas e fidedignas podem ser utilizadas como fontes de informações históricas, fornecendo detalhes sobre cenários e personagens.

Manifestações sociais, como marchas, protestos e greves, são uma exposição das questões sociais, políticas e culturais de determinado período. Esses eventos permitem captar nuances através de reivindicações, expressões políticas, conflitos, intervenções culturais e testemunhos. São esses elementos que, por meio de imagens, possibilitam a documentação da "diversidade de assuntos que foram objetos de registro no passado, constituindo-se em testemunhos visuais e materiais" (KOSSOY, 1980, p. 19).

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo estudar a relevância do fotolivro como ferramenta de consulta e estudo para as futuras gerações. O fotolivro foi definido como meio pelo seu potencial de trabalhar a fotografia documental com

criatividade e exaltar seu caráter expressivo (MAZZILLI, 2020). Portanto, considerando o fotojornalismo como material documental, a proposta deste trabalho é a produção de um fotolivro como meio de exposição das imagens, fortalecendo o registro dos fatos, preservando os dados remanescentes e transmitindo memórias.

Acredita-se que a produção de um fotolivro dedicado às manifestações sociais seja uma forma poderosa de preservar a história, permitindo que as imagens sejam acessíveis e compreendidas por diferentes públicos. Além disso, o fotolivro pode contribuir para a reflexão e o estudo das dinâmicas sociais e políticas de um determinado período, ajudando a construir uma consciência coletiva sobre esses eventos e suas consequências.

Por meio dessa pesquisa, busca-se explorar as potencialidades do fotolivro como uma ferramenta de documentação e estudo, visando valorizar e preservar a memória das manifestações sociais e proporcionar uma maior compreensão das questões que as motivaram.

1.5 ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS

O trabalho é composto por sete capítulos que abordam de forma abrangente a importância do registro fotográfico de manifestações sociais femininas. No atual capítulo, é apresentada a introdução ao tema, a problemática que a pesquisa busca responder, bem como os possíveis resultados esperados, os objetivos estabelecidos e a relevância de explorar o tema e o formato escolhido.

No segundo capítulo, há o detalhamento da metodologia utilizada na pesquisa, citando os autores e obras utilizadas como base para as análises e os procedimentos de pesquisa. Há o esclarecimento do tipo de pesquisa utilizado, a abordagem e os métodos escolhidos.

No capítulo seguinte, é iniciada a fundamentação teórica, conceituando os movimentos sociais, traçando a trajetória das manifestações femininas e contextualizando como o movimento feminino teve início e ganhou força ao longo da história.

No quarto capítulo, a história da fotografia e do fotojornalismo são exploradas, evidenciando a função do fotojornalista na construção da realidade através da cobertura fotográfica social.

No quinto capítulo, o formato do produto escolhido para a exposição das fotografias é analisado, detalhando o conceito de fotolivro e o seu papel na representação visual dos fatos. Com isso, é discutido como a narrativa fotográfica é capaz de dar visibilidade aos eventos ocorridos e como o produto poderá contribuir para futuras pesquisas e estudos da época em que os fatos ocorreram.

No sexto capítulo, há o detalhamento do processo de produção do fotolivro, explicando o critério de seleção das fotografias para compor a narrativa e a escolha de técnicas e elementos gráficos para a diagramação.

Já no sétimo e último capítulo, constam as conclusões finais sobre a realização do trabalho, evidenciando quais resultados foram alcançados e a sua contribuição para o jornalismo.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se pela abordagem qualitativa de pesquisa, visando uma análise aprofundada dos dados e a construção do fotolivro. O objetivo principal foi realizar uma pesquisa exploratória e de natureza aplicada, buscando explorar e compreender melhor o tema em questão e gerar novos conhecimentos sobre o desenvolvimento do produto. Como método, foi realizada uma pesquisa bibliográfica extensiva para a aprendizagem sobre o tema de estudo. Obras acadêmicas e literaturas que abordam movimentos sociais, feminismo, fotojornalismo e fotolivro foram consultadas e serviram como base teórica para fundamentar o trabalho. Conforme Lakatos (2010, p. 166) explica, a pesquisa bibliográfica consiste em,

[...] toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações, em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas ou gravadas.

Durante a etapa de pesquisa bibliográfica, foi necessário compreender como os movimentos sociais são caracterizados. Como base, foi utilizada as obras "Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo" e "Teoria dos Movimentos Sociais - Paradigmas clássicos e contemporâneos" de Maria da Glória Gohn (2010; 1997). Já para contextualizar o início dos movimentos sociais, foi necessário consultar a "História dos Movimentos Sociais no Brasil", de Grinberg e Ribeiro (2018).

A pesquisa também se estendeu sobre a trajetória dos movimentos que envolvem a luta feminina. Autores como Ana Isabel Álvarez González (2010), com "As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres, Maria Amélia de Almeida Teles (1999), com "Breve História do Feminismo no Brasil", Andrew Heywood (2010), com "Ideologias políticas - Do feminismo ao multiculturalismo", Vera Soares (1993), com "Movimento Feminista: paradigmas e desafios", e através da publicação de Mariana de Lima Campos (2017), "Feminismo e movimentos de mulheres no contexto brasileiro".

Para a construção do trabalho, a obra de Boris Kossoy (1980), "Fotografia como Fonte Histórica", serviu como apoio para esclarecer o papel da fotografia como documento para o estudo histórico. Outro autor que também contribuiu para a fundamentação das funções do documento fotográfico foi André Rouillé (2009), com "A fotografia entre documento e a arte contemporânea". O autor Philippe Dubois (1993), com "O ato fotográfico e outros ensaios", apoiou com as informações sobre as primeiras percepções e interpretações da fotografia. Para elucidar sobre a história e características do fotojornalismo e o trabalho do fotojornalista, foram necessárias as análises das obras "Fotografia e Jornalismo", de Dulcilia Schroeder Buitoni (2011), "Teorias do jornalismo", de Nelson Traquina (2005), "A transição tecnológica do fotojornalismo: da câmara escura ao digital", de Ivan Luiz Giacomelli (2012), "Sobre fotografia", de Susan Sontag (1977), e "Fotojornalismo - uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa" de Jorge Pedro Sousa (2002).

Além da fotografia em si, foi necessária uma pesquisa para entendê-la como ferramenta e instrumento político para difundir informações sobre movimentos sociais, como suporte, foi utilizado o estudo "A fotografia nos movimentos sociais: um difusor de realidades" de Camila do S. Aranha dos Reis (2016). Para descrever o que são os movimentos sociais, Maria da Glória Gohn (2013) contribuiu com sua obra "Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo".

Para compreender o conceito e características do fotolivro, houve a pesquisa nas obras "O fotolivro como espaço de complexidade e potência para a fotografia documental", de Bruna Sanjar Mazzilli (2020), "Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa", de Rafael Souza Silva (1985), e "Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa", de Antônio Celso Collaro (2007).

Como fundamentos para entender e construir a narrativa fotográfica, foram analisadas as obras de Michael Freeman (2014), "A narrativa fotográfica: a arte de criar ensaios e reportagens visuais", Maria Short (2013), "Contexto e narrativa em fotografia" e Nuno Godolphim (1995)., "A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica".

A pesquisa documental, caracterizada pela coleta de dados em documentos, como em arquivos públicos, particulares, fontes estatísticas (LAKATOS, 2010), foi realizada para delimitar questões técnicas e embasar o trabalho com dados estatísticos.

Foram utilizados o “Guia para publicação de livros”, produzido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Ibict (2021), e o "Guia de editoração", publicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2023. Para abordar os ataques à imprensa, foram analisados dados do “Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil”, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - Abraji (2022). Os “Indicadores sociais das mulheres no Brasil - 2ª edição”, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), contribuiu com dados sobre o gênero feminino e masculino para a compreensão do contexto atual do país.

3 MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais são reconhecidos como atos sociopolíticos formados por indivíduos que buscam inovações, mudanças e transformações, podem estar presentes em diversos espaços da sociedade, como no meio acadêmico, político e popular, assim como, podem surgir através de diferentes classes sociais (GOHN, 2010). As ações coletivas passam a ser organizadas a partir de uma causa que gera insatisfações e conflitos, seja com o foco em uma solução imediata ou a longo prazo, potencializando reivindicações com base no interesse dos grupos impactados.

Podemos ter duas acepções básicas de movimento: uma ampla, que independe do paradigma teórico adotado, sempre que se refere às lutas sociais dos homens, para a defesa de interesses coletivos amplos ou de grupos minoritários; conservação de privilégios; obtenção ou extensão de benefícios e bens coletivos etc. A outra acepção se refere a movimentos sociais específicos, concretos, datados no tempo, e localizados num espaço determinado. Na primeira acepção, a categoria básica é a da luta social e tem um caráter cíclico. Os movimentos são como as ondas e as marés, vão e voltam e isto ocorre não por causas naturais. (GOHN, 1997, p. 247).

A história dos movimentos sociais tem início no século XIX, com o envolvimento de sindicatos e partidos políticos na defesa da classe trabalhadora. Naquele período, o objetivo era combater a exploração dos trabalhadores, buscando a "transformação revolucionária das relações sociais de produção capitalistas" (GRINBERG; RIBEIRO 2018, p. 11). Os movimentos como o das mulheres e dos negros tornam-se mais expressivos a partir da década de 1970, com a busca por mais direitos, enquanto outros grupos sociais já possuíam.

Para Gohn (1997), os movimentos sociais podem ser formados a partir de diversos cenários, como por origem social, como em movimentos formados em instituições sociais, como religiões, partidos, sindicatos, educacional; pela natureza humano, gênero, sexo, idade e raça, como os movimentos por lutas raciais, feministas e LGBTQIAP+; podem também ser formados por problemas sociais, como os movimentos em prol da saúde, habitação e preservação histórica. Com isso, os movimentos passam por algumas fases de estruturação, iniciando-se a partir da união de ideais e metas para se atingir, formulação de demandas, aglutinação de pessoas, transformação das pautas em reivindicações. A partir disso, tem início o processo de consolidação, as queixas são encaminhadas e as negociações entre

representantes do movimento e intermediários que possam trazer soluções são conduzidas (GOHN, 1997).

No Brasil, um dos destaques na história foi o movimento político "Diretas Já", formado entre 1983 e 1984, por grupos políticos, intelectuais e artísticos. Eles defendiam a participação da população para escolherem diretamente o presidente do Brasil. Sob regime militar e com vários atos de repressão, as manifestações ganharam força em todo o país, principalmente, através de comícios, mesmo assim a votação da emenda das eleições diretas foi rejeitada em 1984, contudo, o movimento contribuiu para os novos rumos e resultados positivos para a história da democracia no país nos anos seguintes.

Um outro exemplo de movimento social que obteve destaque no Brasil e que se mantém ao longo dos anos é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), formado em 1984 e organizado em 24 estados do país. O MST procura organizar os trabalhadores rurais em prol da conquista da Reforma Agrária, para a redistribuição e democratização do acesso às terras. Entre suas ferramentas de luta, estão a ocupação de terras, acampamentos, marchas e ocupação de prédios públicos. O movimento também levanta bandeiras em prol da cultura, combate à violência de gênero, democratização da comunicação, saúde pública, diversidade étnica, entre outras.

Em junho de 2013, foram convocados atos pelo Movimento Passe Livre que iniciaram protestos contra o aumento de 20 centavos da tarifa do transporte público. A iniciativa acabou potencializando a difusão de diversas outras pautas insatisfatórias para parte da população, como contra a classe política e a falta de políticas públicas para a educação e saúde. As manifestações foram marcadas pelo impacto que tiveram nas ruas do país, principalmente com o engajamento entre a classe estudante, além disso, pelos diversos casos de violência policial contra manifestantes e profissionais da imprensa.

Na atualidade, outros movimentos consolidados e que retomam em destaque ao longo de eventos e pautas que surgem, são os Movimentos Estudantis, Movimento Feminista, Movimento Indígena, Movimento Negro e Movimento LGBTQIAP+, entre outros. Cada um deles desempenham um papel crucial promovendo justiça, espaço para reivindicações e transformação social. São através dos movimentos que os grupos se unem para pressionar as instituições e governos para tornarem a sociedade mais inclusiva, respeitosa, segura e igualitária.

Apesar do fortalecimento dos movimentos em suas causas, houve uma diminuição de manifestações populares nas ruas nos anos atuais. Entre os anos de 2020 e 2023, o país estava em isolamento social em circunstâncias da pandemia provocada pela Covid-19, onde grupos menores de pessoas iam às ruas protestar contra às medidas tomadas pelas autoridades contra a pandemia, além de manifestações, contrárias e a favor do governo. Desde então, até 2023, ano de conclusão deste trabalho, manifestações com grande participação popular não surgiram. Como possíveis hipóteses dessa diminuição, em 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou o fim da emergência contra a Covid-19 e um novo governo foi eleito, com novos representantes, como presidente, senadores, governadores e deputados.

3.1 AS MULHERES EM MANIFESTAÇÕES SOCIAIS

A trajetória das mulheres na mobilização contra as disparidades construídas ao longo da história, é pautada pela luta por identidade, liberdade e igualdade. Essa luta engloba diversos aspectos fundamentais, como direitos ao trabalho, segurança, participação política e acesso à educação. No que se refere ao trabalho, as mulheres têm lutado por oportunidades iguais para crescimento profissional e contra a desigualdade salarial. Além disso, buscam constantemente condições dignas para terem mais segurança no ambiente de trabalho e não serem vítimas de assédio. As mulheres também visam combater a violência de gênero para terem mais segurança, alertando sobre a violência doméstica e assédio sexual e propondo maiores medidas de proteção. No âmbito político, a luta é para aumentar a participação e representação através de cargos eleitos e reivindicar a criação de políticas públicas para combater a discriminação de gênero. Já no que se refere ao acesso à educação, a busca é por oportunidades iguais e inclusivas, livres de preconceitos formados a partir de estereótipos.

De acordo com Teles (1993), o movimento feminino pode ser entendido através do "movimento de mulheres", caracterizado por reivindicar direitos e melhores condições de vida, e a partir da perspectiva do "movimento feminista", tratando-se de pessoas dispostas a combater a discriminação contra as mulheres e em transformá-las em protagonistas. Os conceitos são evidenciados por Heywood (2010), de acordo com o autor, o movimento das mulheres lutava por pautas como o

direito ao voto feminino e a legalização do aborto, a partir disso, o movimento feminista adotou estratégias políticas revolucionárias, rejeitando conceitos convencionais. É a partir da contribuição dos movimentos feministas que se observa maior abertura para as mulheres se organizarem no enfrentamento de suas pautas na sociedade civil (CAMPOS, 2017).

A partir da busca por igualdade, as diferenças de gênero tornaram-se temas de discussões, como as divisões de papéis no âmbito familiar e a falta de protagonismo feminino na sociedade. O destino social das mulheres era ocasionado a partir da crença que fortalecia as divisões de gênero, "mulheres e homens apenas representam os papéis sociais que a natureza lhes designou" (HEYWOOD, 2017, p. 27). É com base em tal cenário que as discussões sobre gênero são acentuadas, tornando-se crucial para o feminismo separar a biologia das atribuições sociais.

[...] as diferenças de sexo são fatos biológicos da vida, mas não tem nenhuma relevância social, política ou econômica. Mulheres e homens não devem ser julgados pelo sexo, e sim como indivíduos, como pessoas; O objetivo do feminismo é, portanto, a conquista da "pessoalidade" sem gênero. (HEYWOOD, 2017, p. 28).

Um dos principais movimentos que marcam a história das manifestações femininas é o sufragista, buscando abrir espaço para a participação da mulher na política. De acordo com Heywood (2017), acreditava-se que o poder do voto era o ponto inicial para acabar com a discriminação e preconceito sexual. Com isso, a primeira conquista do sufrágio feminino ocorreu em 1893, na Nova Zelândia. No Brasil, as mulheres conquistaram o direito ao voto em 24 de fevereiro de 1932 durante o governo do presidente Getúlio Vargas, marcando um grande avanço após décadas de mobilização. Um marco histórico que potencializou a representatividade e participação feminina na política, contribuindo para a formação de uma sociedade mais igualitária e democrática. Posteriormente, outros movimentos foram ganhando forma e novas maneiras de expressão e contestação foram surgindo.

De acordo com Soares (1993, p. 14), os grupos feministas da década de 70 lutavam pela anistia e abertura democrática.

Eram grupos de reflexão e pressão, cujas feministas tomaram como tarefa "traduzir sua motivação original em proposições que sejam relevantes para a grande massa de mulheres desprivilegiadas, de modo a mobilizá-las contra a opressão de sexo e de classe". Muitas mulheres passaram a dirigir sua atuação, através dos grupos recém-criados, para lutas em bairros e

comunidades das periferias urbanas, das comunidades da Igreja Católica, clubes de mães, associações de vizinhança, onde donas-de-casa e mães se reuniam, organizavam-se e mobilizavam-se por questões do cotidiano.

Um outro movimento, a “Marcha das Vadias”, teve início no Canadá, em 2011, protestando contra a ideia de que as mulheres são responsáveis por se tornarem vítimas de estupro, seja pelo comportamento ou pela forma que se vestem. Desde então, as manifestações foram internacionalizadas, em São Paulo, no ano de 2011, ocorreu a primeira edição do evento, já em 2012, a marcha ganhou força em outras capitais do país.

No Brasil, o movimento cresceu principalmente com ênfase no enfrentamento à violência doméstica e, em 2012, mais de 20 cidades organizaram a primeira “Marcha Nacional das Vadias”, percorrendo capitais como Brasília, Salvador, Fortaleza, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Recife e Vitória. Nesses protestos, mulheres foram às ruas vestidas como “vadias” - de salto alto, roupas provocantes, fantasias sexuais, lingerie etc. - para protestar contra a crença de que mulheres que são vítimas de estupro são responsáveis pelo crime (BARBOZA; ANTONINO, 2017, p. 120).

Como marco para a mobilização das mulheres, há o Dia Internacional das Mulheres, comemorado em 8 de março. As referências e inspirações para o 8 de março surgiram em diversos eventos ao longo da história, entre eles, por iniciativa do Partido Socialista Americano, em busca de um dia para reivindicar os direitos da mulher, e através da socialista alemã Clara Zetkin, responsável por propor a criação da data em caráter internacional, com o foco em promover o voto feminino (GONZALEZ, 2017). Já no Brasil, a data ganhou força com a articulação de mulheres para transformar o momento em uma união com diferentes propostas políticas em prol do combate à discriminação vivida historicamente (TELES, 1999).

Com os anos, o Dia Internacional das Mulheres passou a ser marcado por manifestações, protestos e, principalmente, por marchas, é o que constata Gohn (2010, p. 97),

A partir do ano 2000, as mulheres têm realizado Marchas - em 2001 participaram da 1ª Grande Marcha Mundial das Mulheres (MMM), com 20 mil participantes. Em 2003, na 2ª Marcha, calculou-se em 40 mil o número de participantes. Em 2005, o MMM lançou em São Paulo, no dia Internacional das Mulheres, a “Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade”, com a presença estimada de 30 mil mulheres, de 16 estados brasileiros.

No período atual, o dia 08 de março engloba questões cruciais para a busca da equidade de gênero e justiça social. Na data, as manifestações destacam demandas fundamentais, tais como a igualdade no mercado de trabalho, o combate à violência de gênero, a promoção da participação ativa e das mulheres na política e nos espaços de poder, a luta pela legalização do aborto como uma questão de saúde e autonomia reprodutiva, e a defesa dos direitos LGBTQIAP+ para garantir a igualdade e o respeito a todas as identidades de gênero e orientações sexuais. Essas são apenas algumas das pautas que marcam essa data e convocam a sociedade a refletir, agir e promover mudanças significativas.

As mulheres buscam estar cada vez mais representadas em suas lutas, amplificando e criando uma pluralidade nos discursos adotados. A partir disso, surgem vertentes feministas para representar raça, gênero, sexo, orientação sexual, ideais políticos e ideológicos. Entre as tendências populares, estão o feminismo negro, feminismo lésbico, transfeminismo, feminismo interseccional, feminismo radical e feminismo liberal.

O engajamento e organização das mulheres em manifestações sociais resultou na conquista de direitos essenciais para a construção de uma sociedade igualitária. Para Heywood (2017, p.27), a melhora na posição da mulher é fruto da “conquista do voto e do maior acesso à educação, de mudanças nas leis do casamento, do divórcio, da legalização do aborto”. É um resultado significativo, promovendo a abertura para novas discussões em torno de questões ainda não solucionadas.

4 O FOTOJORNALISMO E A COBERTURA DE MANIFESTAÇÕES

A construção da fotografia perpassou por indagações sobre seu possível caráter, sendo discutida como um elemento de reprodução da realidade, elemento de transformação e também elemento da própria realidade. De acordo com Dubois (1993), o primeiro reconhecimento foi o da fotografia como espelho do real, considerada no século XIX uma imitação da realidade. Um segundo discurso, é a fotografia como transformação do real, afirmando que as imagens, como as em caráter cultural ou ideológico, são codificadas, tornando-se instrumentos de análise, interpretação e até transformação da realidade. Já a terceira forma de abordar o realismo fotográfico é reconhecê-lo como um traço de um real, a imagem com uma marca que afirma que algo existiu, a foto é então "em primeiro lugar índice, depois pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo)" (DUBOIS, 1993, p. 53).

De acordo com Kossoy (1980, p. 12), a fotografia original é uma "fração da realidade", não substituindo o real. Ao pensar na originalidade da fotografia, Buitoni (2011, p. 25) explica que esse papel cabe a fotografia jornalística, uma vez que também se assemelha à ideia de ser "traço do real", a partir da necessidade de conexão que fotógrafo tem com a realidade para produzir a imagem.

A fotografia é considerada um registro realista do mundo visível porque desde seu início os usos sociais atribuíram-lhe esta função. Para compreender adequadamente uma fotografia, não basta recuperar suas significações mais evidentes; é preciso decifrar o excedente de significação que revela traços do simbólico de uma época, de uma classe, de um grupo artístico (Buitoni, 2011, p. 21).

Inicialmente, o trabalho do fotojornalista descartava como possibilidade fotografar algo instantâneo, com limitações técnicas, era mais fácil trabalhar com fotos posadas do que algo realmente jornalístico, explica Buitoni (2011, p. 101). No entanto, com a possibilidade de fotografar guerras, o cenário começou a mudar,

Muitos autores relacionam o nascimento do fotojornalismo à cobertura da guerra da Crimeia, de 1854 a 1855. Roger Fenton, fotógrafo do Museu Britânico, foi cobrir a frente de batalha a pedido do editor da "The Illustrated London News". [...] A guerra de Secessão nos Estados Unidos (1861-1865) teve registros de vários fotógrafos, publicados em revistas ilustradas (BUITONI, 2011, p. 102).

Com limitações para imprimir as fotografias com todos os seus tons e para publicá-las em jornais e revistas, as imagens acabavam sendo copiadas por

artesãos em clichês de madeira (GIACOMELLI, 2012). Apenas a partir da década de 1870 foi possível imprimir as fotografias nos papéis da imprensa. Segundo Giacomelli (2012), Carl Carleman descobriu que era possível reproduzir em impressoras uma variedade de tons de cinza de uma fotografia, causando uma ilusão ótica, utilizando uma técnica em que vários pontos eram impressos, com pequenos pontos na região mais clara e grandes pontos em partes mais escuras. Apesar da resistência dos jornais em cederem à nova tecnologia por causa do aumento dos custos e por acreditarem que o trabalho dos artesãos era mais artístico que às fotografias em si, também não havia muitos profissionais que tinham habilidades para reproduzir as fotografias.

Em 1888, houve o lançamento das câmeras Kodak, de George Eastman, popularizando a fotografia, trazendo mais facilidade para que qualquer pessoa pudesse registrar as imagens e encaminhá-las para que empresa processasse o filme e imprimisse em papel fotográfico (GIACOMELLI, 2012). Novos equipamentos e tecnologias foram surgindo, assim como novas formas de fotojornalismo. Das imagens com pessoas posadas, às oportunidades de registrar atividades em tribunais, congressos e eventos.

Nascia deste modo a forma moderna de se fazer fotojornalismo: tirar fotografias para a imprensa sem pedir licença para o fotografado e sem que ele percebesse que estava sendo “clicado”. Para o fotógrafo e historiador Tim Gidal, a evolução do fotojornalismo moderno se deve a dois fatores: um técnico e outro intelectual. O técnico está relacionado com o desenvolvimento de câmeras fotográficas compactas e luminosas, com visor na parte traseira, que permitiam ao fotógrafo se concentrar mais no assunto que ele estava fotografando e menos com o peso da câmera ou outros detalhes técnicos (GIACOMELLI, 2012).

A fotografia jornalística surge com a função testemunhal e documental, segundo Buitoni (2011), com a característica profissional, em busca da transmissão da informação com relevância política, social e cultural. Em sua função de testemunho visual, a fotografia auxilia estudos históricos, em que uma imagem registrada no passado consegue transmitir e reconstituir o cenário de um fato (KOSSOY, 1980). Com a sua documentação, todos os fatos que foram fotografados e arquivados, podem ser revisitados em busca de informações, tendo a fotografia-documento a função de criar um novo inventário do real, ordenando, ilustrando e informando (ROUILLÉ, 2011).

Dessa maneira, a cobertura fotográfica de acontecimentos na sociedade, como protestos, greves, conflitos e outras manifestações sociais, serve como ferramenta de informação e de registro histórico do fato. O poder do jornalismo está relacionado ao fato da profissão construir o conhecimento da sociedade sobre eventos ocorridos. Traquina (2005) explica que a imprensa possui o papel de induzir os assuntos para conhecimento e discussão e também como eles podem ser interpretados. Segundo Sontag (1977), a fotografia tem o poder de influenciar a percepção que as pessoas têm do mundo e, conseqüentemente, pode afetar a opinião pública e a forma como a sociedade se relaciona com determinados assuntos. Nesse sentido, o fotojornalismo tem um papel importante na formação da opinião pública e na disseminação de informações relevantes.

Como Susan Sontag observou em seu livro "Sobre fotografia" (1977), as fotografias são capazes de criar uma sensação de realidade, mesmo que sejam apenas uma representação parcial dela. Com essa sensação de compreensão da realidade, as pessoas podem basear suas opiniões e decisões com base nas imagens que veem.

Essencialmente, fotos são sempre do passado. O momento aconteceu ou foi criado, foi fotografado e passou. Esses momentos documentados podem ser usados de várias maneiras e, embora sejam do passado, podem ter relevância imediata para o presente e encorajar-nos a pensar no futuro. Fotografias podem ser objetos e podem ser imagens; podem transmitir ou inspirar desejos e mesmo expressar pensamentos, sentimentos e ideias que transcendem as diferenças históricas e culturais. Fotos podem criar e evocar lembranças ou simplesmente retratar um assunto e ser informativas. Fotografias bem-sucedidas são resultado do envolvimento do fotógrafo, tanto no nível prático quanto no conceitual, com um conjunto de critérios relacionados ao contexto da foto e ao briefing. O briefing deve mencionar a função e a finalidade da imagem, e o fotógrafo, trabalhar para cumpri-las (SHORT, 2013, p. 9).

A construção da realidade pelo fotojornalista, além de passar por fatores subjetivos e moldáveis em relação ao seu olhar fotográfico e ao que ele acredita que deve ou não ser divulgado, surge em forma de um testemunho que precisa, em sua essência, transmitir credibilidade e transcrever aquele momento, sobretudo, com ética. De acordo com Traquina (2005), em uma cobertura, os jornalistas são capazes de reconhecer o que deve ser transformado em notícia, com seu "faro para a notícia" e "perspicácia noticiosa".

Buitoni (2011) considera a fotografia resultado da contribuição pessoal do fotógrafo, entretanto, exposta a fatores relacionados à sua técnica e sensibilidade, como: o motivo da foto, a compreensão sobre o que está acontecendo na frente das lentes e no fundo da ação principal, o que será incluído ou não no enquadramento da foto.

Além do seu conhecimento e experiência profissional, para conduzir uma cobertura fotográfica diante de manifestações sociais, é necessário que os profissionais tomem alguns cuidados para prezar pela própria segurança. De acordo com o “Manual de segurança para cobertura de manifestações no Brasil”, elaborado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) em 2014, os profissionais devem estar atentos às mudanças de posicionamento dos manifestantes e da polícia; não tomar partido; não focar por muito tempo em registrar um único grupo de pessoas e, além disso, considerar fazer registros mais distantes.

Com o aumento de ataques à imprensa, os cuidados se tornam indispensáveis. Segundo o “Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil” (2022) da Abraji, o ano de 2022 superou o número de agressões contra comunicadores registrados em 2021, foram 557 casos, sendo um aumento de 23% em relação ao ano anterior, que totalizou 453. Entre os principais alvos, fotógrafos e cinegrafistas foram vítimas 64 vezes. Como principais agressores, a associação destaca agentes estatais, responsáveis por 56,7% casos de violência contra a imprensa. Membros da família do 38º presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, com mandato presidencial de 2019 a 2022, estiveram envolvidos em 41,6% (232) casos, sendo 91 com a participação do ex-presidente.

A Abraji também estabelece recomendações aos setores que possuem determinado poder na comunicação em geral. Às empresas de comunicação, a associação orienta que forneçam apoio aos profissionais com treinamentos sobre segurança e suporte, que criem canais de denúncias e zelem pela integridade de cada um. O poder público também possui um papel importante nesse processo, por isso, é recomendado que as políticas públicas de proteção aos jornalistas sejam fortalecidas, que investiguem e combatam os casos de impunidade nos crimes e responsabilizem os agentes públicos quando estiverem envolvidos, que defenda a liberdade de imprensa e o acesso à informação e, principalmente, não sejam responsáveis por ataques contra os profissionais de comunicação. Enquanto às

plataformas de redes sociais, a Abraji aconselha o reforço do acompanhamento e da identificação de discurso de ódio, que atualizem suas políticas e formas de reconhecimentos de novos tipos de violências virtual e que também melhorem e disseminem as políticas de utilização para contribuir com a diminuição de ataques.

A cada ano, o cenário político e social polarizado torna mais perigoso o trabalho de jornalistas brasileiros. Atores políticos e seus apoiadores criam e propagam discursos antimídia que dificultam a atividade jornalística e colocam seus profissionais em risco constante. Os números confirmam isso: 61,2% dos casos registrados pelo monitoramento da Abraji em 2022 são discursos estigmatizantes e 31,2% dos alertas gerais envolvem agressões físicas, intimidação, ameaças e/ou destruição de equipamentos – deixando claro que a violência física é o passo que segue as agressões verbais e as campanhas de descredibilização (ABRAJI, 2022, p. 42).

Apesar dos desafios, o fotojornalismo continua a desempenhar um papel fundamental na cobertura de eventos sociais e na comunicação visual da informação. Com o avanço da tecnologia e dos estudos fotográficos, os profissionais possuem mais ferramentas para capturar imagens de qualidade e mais experiência profissional para transmitir a informação com impacto para as discussões da sociedade.

5 FOTOLIVRO COMO MEIO DE REPRESENTAÇÃO VISUAL DOS FATOS

A documentação de uma fotografia favorece a preservação da memória do ato registrado, seja de um evento importante ou um período histórico. As narrativas fotográficas, quando bem estruturadas e organizadas, são capazes de expor o tema abordado e as características que compõem o momento dos registros. De acordo com Kossoy (1980, p. 45), “uma única imagem fotográfica contém um inventário de informações que encontram aplicações nos mais variados estudos históricos”. Com isso, assim como documentos textuais e vestígios arqueológicos, a fotografia também pode ser considerada uma fonte histórica.

Uma maneira de preservar e expor fotografias é através do desenvolvimento de um fotolivro, com o formato, é possível construir uma narrativa jornalística em que as imagens são as principais fontes de informação.

Há quem diga que a fotografia não narra, mas descreve. Por meio do fotolivro, a fotografia narra. O fotolivro é um gênero de narração com imagens. E narrar não significa simplesmente usar uma linha temporal para juntar coisas. Fragmentação, acúmulo, dispersão, a panorâmica circular e o plano/contraplano também são estratégias narrativas. No fotolivro, a unidade não é estritamente cada foto em particular, embora - como em um livro de poemas, cada uma delas seja um trabalho completo em si mesmo. A unidade é o todo. Cada imagem é uma célula perfeita, porém o corpo é a totalidade. (MAZZILLI, 2020, p. 90, *apud* VILLATORO, 2017).

Os livros são umas das principais ferramentas de transmissão de conhecimento, especialmente por sua característica de perdurar ao longo do tempo. Conforme Collaro (2007, p. 67) reforça, “a indústria editorial e a indústria gráfica são as responsáveis pelo desenvolvimento da cultura humana até o estágio em que se encontra hoje”. Como um meio que apresenta uma temática de interesse para determinado público, o fotolivro poderá ser consultado para conhecimento, apreciação e suporte de pesquisa das futuras gerações. De acordo com Kossoy (1980, p. 42), é importante acrescentarmos novos dados à história, com a produção de fotografias ou recuperação de produções antigas, nós, enquanto pesquisadores, “teremos melhores condições de avaliar visualmente os dados que nos são conhecidos pela linguagem escrita”.

Ao delimitar o tema do fotolivro, considera-se a relevância social dos fatos que serão expostos e arquivados com o material. O assunto registrado é reconhecido por seu "valor jornalístico", considerando as informações que são úteis,

interessantes e significativas para transmitir (SOUSA, 2002, p.7). Traquina (2005) explica como a seleção do que deve ser ou não noticiado é feita pelos jornalistas,

Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois subgrupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia (TRAQUINA, 2005, p. 78).

Para Traquina (2005), os valores-notícia com critérios substantivos podem ser delimitados pela notoriedade dos envolvidos, proximidade geográfica do fato, relevância, novidade, tempo, notabilidade, controvérsia, infração, escândalo ou também por algo inesperado. Já os critérios contextuais, envolvem a facilidade de cobrir o acontecimento, a quantidade de notícias sobre o tema, a existência de elementos visuais para a composição e a relação de informações que a concorrência possui ou não.

Para compor a representação visual de um fotolivro, o cuidado na seleção das imagens também contribuirá para a qualidade do material e o sentido que ele trará. Para Mazzilli (2020, p. 89), ordenar as imagens "é uma maneira de alinhar seus significados, ainda que parcialmente, e expressar algo". A escolha das fotografias, a sequência que devem seguir, a quantidade de fotos e também a forma de exposição nas páginas são fundamentais para a experiência visual. As imagens são importantes para informarem o tema, a realidade que está sendo apresentada para o leitor. Além disso, segundo Sousa (2002), para a construção de sentido da mensagem, a fotografia poderá ser acompanhada por texto como complementação, sendo uma maneira de explicar o que não pode ser compreendido apenas através das imagens.

Os fotolivros são compostos por um número maior de fotografias do que normalmente aparece em reportagens fotográficas, conseqüentemente, apresentam uma narrativa mais extensa. É comum que o fotolivro seja folheado antes da leitura ser iniciada, para Freeman (2014), a primeira impressão para conhecimento da obra e para decidir se ela será lida, pode ser feita através de uma leitura não padronizada ou até folheado de trás para frente. De acordo com Freeman (2014), cada fotografia pode ser absorvida de uma maneira diferente, podendo ser rapidamente

ou lentamente, a partir disso, elas podem despertar uma sensação diferente e conquistar a memória do leitor.

Segundo Silva (1985), as fotografias ou ilustrações que fazem parte do arranjo visual gráfico, precisam ser aplicadas de maneira cuidadosa e eficiente, sendo projetadas em dimensões específicas em cada página, contribuindo para um resultado final bonito e harmônico.

A narrativa fotográfica funciona como uma linha condutora para a análise e transmissão da informação, é uma maneira de “ampliar o conhecimento ou instigar mudanças” (SHORT, 2013, p. 98). De acordo com Freeman (2014), a estrutura para desenvolver uma narrativa pode contar com a introdução ao tema, seu desenvolvimento, tornando-o mais complexo, e atingindo o clímax antes de encerrar. Entretanto, no caso da fotografia, Short (2013) afirma que não é necessário que a narrativa siga um caminho linear para ser interpretada, ela pode ser apresentada em apenas uma imagem ou trazer referências cruzadas.

Em termos simples, uma narrativa geralmente consiste em início, meio e fim. No entanto, uma narrativa fotográfica pode não seguir necessariamente essa estrutura; por exemplo, pode simplesmente dar a entender o que aconteceu ou sugerir o que pode vir a acontecer. Uma narrativa fotográfica pode ser uma interpretação fictícia de uma determinada pessoa, lugar, evento ou momento (SHORT, 2013, p. 98).

Dentro da obra, as fotografias precisam relacionar-se entre si, a “ordem, tamanho, formato e localização da página” são determinantes no modo como o conceito será entendido (SHORT, 2013, p. 30). É importante que o trabalho preze por originalidade na escolha do assunto, seja com um novo evento, algo diferente das experiências do público ou com um novo ângulo sobre um tema já conhecido (FREEMAN, 2014).

Para Freeman (2014), a narrativa fotográfica sobre pessoas gera maior interesse da audiência, sendo um meio de interpretar o que as outras pessoas fazem, pensam ou acreditam. Rostos e seus semblantes contribuem para o fascínio pela obra e as expressões podem potencializar o valor do material. Godolphim (1995) explica a foto como algo que possui a intenção de captar uma situação etnográfica e sociológica, sendo capaz de repassar peculiaridades ao leitor, portanto, precisa ter uma comunicação eficiente para receber a interpretação que o autor propõe.

De toda a forma, o que importa é que, seja num texto, numa exposição fotográfica ou num diorama, as fotos deveriam auxiliar a transmissão do fluxo de pensamentos que conduz o antropólogo à compreensão e à interpretação da situação estudada. Mesmo que os leitores-fins das imagens (aqueles a quem é dirigido o texto antropológico) possam a vir a sugerir outras interpretações ao apresentado (GODOLPHIM, 1995, p. 170).

Os livros em que o texto é predominante, seguem um padrão com páginas pr-textuais, textuais e pós-textuais. De acordo com Collaro (2007), as páginas pré-textuais de um livro podem ser estruturadas por folhas de guarda, a primeira e última página da obra; falso de rosto, com somente o título da obra; página de rosto, com nome do autor, título, editora e ano de publicação; dedicatória, com texto de dedicação da obra para uma ou mais pessoas, geralmente, inserido em uma página ímpar; prefácio, texto escrito por um convidado comentando a obra; sumário, lista de títulos e subtítulos do livro com suas respectivas páginas; introdução, texto do autor iniciando o conteúdo ou comentando sobre a obra antes de iniciá-la.

Na sequência, vêm os elementos textuais, que são as páginas onde o desenvolvimento do livro e dos capítulos se iniciam, apresentando títulos, subtítulos, seções e subseções. No caso do fotolivro, é nesta etapa que a narrativa fotográfica se inicia, com os títulos, caso seja necessário, imagens e legendas.

Já a parte final é a pós-textual, segundo Araújo (1986), é composta por posfácio, quando é necessário fazer acréscimos, informar ou explicar algo após a elaboração do texto; referências das obras citadas; glossário, com explicação das palavras, expressões e termos técnicos; apêndices e anexos; índice com a lista de entrada de informações, como autores, assuntos e obras, todos com as suas respectivas páginas; e colofão, indicando os responsáveis pela execução, com endereço, local, data e os materiais utilizados, como o tipo de papel da capa e do miolo, fontes, gráfica de impressão.

A escolha do título da obra cumpre o importante papel de apresentá-la, sendo responsável por capturar sua essência e resumir o que ela representa, despertando curiosidade e dando sentido para o leitor sobre o propósito do que ele está prestes a consumir. De acordo com Silva (1985), os títulos têm o poder de realçar a mensagem que o conteúdo pretende transmitir, desempenhando um papel fundamental na venda da obra e na conquista de leitores.

Além do trabalho dedicado à estruturação do fotolivro, aspectos que influenciam na experiência visual são importantes. MAZZILLI (2020, p. 89)

argumenta que o produto é também tátil, com características físicas (estilo, diagramação, formato, acabamento etc.) que influenciam em sua interpretação, portanto, devem ser bem planejados para fortalecer a ideia que se deseja transmitir. O acabamento editorial é responsável por trazer a melhor apresentação estética, ele “envolve dobras, cortes, serrilhamento, colagem, laminação e muitos outros” (COLLARO, 2007, p. 127).

O conteúdo de um livro precisa de um projeto gráfico para o leitor reconhecer através do design a proposta que o autor deseja apresentar (COLLARO, 2007). Elementos como capa, cores, tipologia, imagens e diagramação são questões estéticas essenciais para particularizar e acrescentar personalidade à obra. Para Collaro (2007), na capa, as cores são os elementos mais marcantes, não sendo a tipologia e nem as imagens a parte mais fácil para as pessoas memorizarem, mas são das cores que o cérebro humano irá lembrar. O estilo de diagramação é um fator determinante em como o fotolivro se comunicará com os leitores, assim como uma boa organização visual, a personalidade e criatividade do diagramador é o que dará identidade ao material.

É muito difícil estabelecer um comportamento fixo de como o diagramador deve proceder ao desenhar uma página. O exercício é infinito, podendo ele com os mesmos elementos gráficos dar novas formas aos textos, fotos, títulos, legendas etc., pois as novas concepções espaciais de um determinado arranjo gráfico vão depender exclusivamente de sua criatividade (SILVA, 1985, 125).

A tipografia foi criada através de Johannes Gutenberg, no século XV, após substituir as “tábuas xilográficas por tipos móveis com caracteres gravados em madeira” (SILVA, 1985, p. 71). A invenção faz parte do design da composição textual e implica na legibilidade do material, tendo como objetivo “comunicar uma informação por meio da letra impressa”, utilizando letras, números e sinais de pontuação, o seu tamanho é capaz de determinar o espaçamento entre uma letra e outra e entre as linhas (SILVA, 1985, p. 71).

De acordo com o “Guia para publicação de livros” (2021), a estrutura de um livro impresso é composta, essencialmente, por capa, miolo, lombada e contracapa. A primeira parte visualizada costuma ser a capa, ela apresenta o título e o nome do autor, geralmente, nela são trabalhados elementos estéticos para estimular o interesse de leitura. O miolo representa a principal parte da obra, com os elementos

pré-textuais, textuais e pós-textuais. A lombada é a parte lateral do livro, com nome da obra e do autor, facilitando a visualização quando está alinhado em prateleiras. Quanto à contracapa, corresponde à parte de trás do livro, pode conter resumos, comentários ou informações sobre o autor. Essa estrutura física do livro impresso é projetada para fornecer uma experiência de leitura organizada e agradável, facilitando o acesso ao conteúdo e proporcionando uma apresentação adequada da obra como um todo.

Outros fatores que contribuem para que a leitura seja agradável, é o tipo de papel, gramatura e textura, tanto da capa quanto do miolo, tornando a leitura não só uma experiência visual, mas também agregando para as sensações sensoriais. A gramatura da capa, lombada e contracapa, ao contrário do miolo, é sempre maior do que a das páginas internas, proporcionando uma estrutura mais resistente e fortalecendo o livro, servindo como proteção ao longo dos anos. Tanto a estrutura da capa quanto do miolo pode receber diversos tipos de materiais e papéis no acabamento. De acordo com o "Guia de editoração", produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2023, p. 47),

Alguns projetos podem exigir acabamentos adicionais, como laminação nas capas (para evitar manchas, conferir durabilidade etc.), plastificação ou aplicação de verniz localizado para ressaltar elementos. Nesses casos, indicamos que a equipe de design responsável e a gráfica impressora estabeleçam contato para alinhar tais especificações.

A partir da definição de todos os detalhes do fotolivro, é solicitada uma prova para revisão e parâmetro para a impressão da versão final, analisando cada detalhe, como cores e legibilidade. Segundo o "Guia de editoração", a finalização é acompanhada pela equipe de design responsável pela verificação de todas as questões técnicas e ajustes necessários.

6 PROCESSO DE PRODUÇÃO

A estruturação do produto teve início com a seleção das imagens que compõem o fotolivro. As fotografias foram registradas durante toda a marcha em prol do Dia Internacional das Mulheres, na cidade de Bauru. O evento foi realizado no dia 09 de março de 2019 e percorreu os principais pontos do centro da cidade, finalizando na praça central, Rui Barbosa. Com a participação da população bauruense e de grupos de cidades, comunidades e assentamentos próximos, além de partidos políticos, Movimento Estudantil, Movimento LGBTQAP+ Movimento Negro, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Movimentos dos Atingidos por Barragens (MAB).

As imagens foram registradas através de uma câmera Canon T5i, com uma lente de 50mm e utilizando apenas a luz solar. Após a escolha das melhores fotografias, elas foram editadas no programa Adobe Lightroom CC para valorizar as cores presentes no ambiente, com ajustes na angulação da imagem, exposição, contraste, saturação e brilho. Com isso, as imagens foram selecionadas de acordo com a qualidade e capacidade de cooperar com a narrativa cronológica, trazendo registros do início da marcha, com as participantes chegando ao local de encontro e produzindo os materiais que iriam compor o evento, imagens de que aconteceu ao longo da caminhada, assim como, de como foi a finalização, com momento de depoimentos e apresentações artísticas.

Para o desenvolvimento do fotolivro, a capa e lombada do produto foi produzida no Adobe Illustrator CC, com um fundo vermelho (#e73747) e as fontes “Adventuro” para o título e “NT Fabulous” para o nome da autora, em branco. O nome do livro foi definido como “A Marcha”, com a intenção de ser simples, fácil de memorizar objetivo.

Para a diagramação, o Adobe InDesign 2022 foi utilizado para a organização dos textos e imagens. Nas folhas de guarda iniciais, foi inserida uma imagem do mapa de Bauru, produzida através do site Snazzy Maps. Na sequência, há uma página repetindo as informações da capa (título e nome da autora) e, na próxima, há um texto de apresentação para contextualizar a narrativa fotográfica, com a fonte “Butler”.

As imagens foram expostas com diversas formas de diagramação, com cenas de impacto e que definem um momento estendidas em duas páginas. A intenção foi

dar maior visibilidade às imagens mais significativas e expressivas. As imagens que se complementa foram inseridas lado a lado, estendidas em toda a página ou encaixadas dentro das margens. Ao todo, foram expostas 42 fotografias. Na página final, foram inseridas as informações do fotolivro, como ISBN e a ficha catalográfica, juntamente com os créditos de produção. Para a folhas de guarda finais, há outra imagem do mapa de Bauru, com cores inversas às apresentadas no início.

O fotolivro foi finalizado com 56 páginas, com 25 centímetros de largura e 18,7 centímetros de altura e em duas versões, uma digital e outra física. A versão digital foi publicada na plataforma *Heyzine*, gratuitamente, disponível através do link: <https://heyzine.com/flip-book/3b1d3ab510.html>. Para a impressão do produto físico, foi escolhida uma capa dura, em papel paraná cartonado com offset de 180g fosco, lombada quadrada e folhas internas em papel couche de 150g, com laminação com brilho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos indivíduos buscam estar presentes em movimentos sociais como uma maneira de participarem e cobrarem por mudanças em nossa sociedade. O propósito desse trabalho é memorizar um desses momentos, reconhecendo-o como parte importante para compreendermos a nossa história. A trajetória das mulheres em movimentos e manifestações sociais é rica em força, confrontos e conquistas que transformaram os caminhos da geração atual. Apresentar parte desse processo em uma narrativa fotográfica e utilizar como meio de exposição um fotolivro, surge como uma contribuição para novas pesquisas e estudos sobre o tema.

Ao longo do processo de pesquisa e análise de dados e obras bibliográficas, é possível compreendermos questões históricas e teóricas sobre os objetos de estudos. Com base nesses aprendizados, houve a fundamentação teórica do processo de construção do movimento feminino, a história e conceito de fotojornalismo e como é realizada a estruturação de um fotolivro.

Levando em consideração esses aspectos, a narrativa fotográfica de uma manifestação social foi desenvolvida através de um fotolivro, com isso, foi possível adquirir conhecimento e explorar técnicas de produção editorial para construir o produto final. Portanto, com a criação do fotolivro, a cobertura fotográfica e todos os aspectos presentes nas imagens foram documentados e arquivados. Desta maneira, todos os objetivos determinados foram atingidos.

Durante o processo de execução, alguns desafios foram enfrentados. Para disponibilizar o livro on-line, houve dificuldade para encontrar uma plataforma sem limitações técnicas ou com pouco custo financeiro. Após bastante procura, a hospedagem foi feita na Heyzine, plataforma especializada em publicações de PDF de revistas, catálogos e livros, com uma visualização interativa das páginas. Para a impressão do livro, foi estimado um tamanho menor, sendo necessário alterar para algo maior para melhorar a visualização do trabalho, mudando de 20 centímetros de largura e 15 de altura, para 25 e 18,7. A finalização do arquivo e a impressão demandaram um tempo maior para a adequação do arquivo final para envio para a gráfica e também para a impressão. Como a impressão foi realizada com a capa dura, é necessário um tempo para o material ser finalizado com a impressão das páginas, colagem do miolo e capa e tempo para secar até a entrega.

Analisando as hipóteses propostas para o desenvolvimento do trabalho, conclui-se que um fotolivro é um meio eficiente para construir uma narrativa fotográfica em que é possível o leitor interpretar o assunto e utilizá-la como meio de pesquisas e estudos. Assim como qualquer espécie de livro, os fotolivros jornalísticos podem ser arquivados e consultados por indivíduos interessados. Além desse tipo de formato para a exposição do trabalho, há novas possibilidades que podem ser futuramente exploradas para a disseminação do trabalho, como em exposições fotográficas, a criação de um acervo para imagens que envolvem a temática de manifestações sociais, além da disponibilização em plataformas on-line específicas para fotolivro e em bibliotecas virtuais e físicas.

Como contribuição pessoal e para o meio profissional do jornalismo, estudar a cobertura de manifestações sociais é uma maneira de compreender os avanços alcançados desde surgimento do fotojornalismo. Há novos desafios, técnicas de produção e riscos envolvidos. A construção de narrativas passa por diversas inovações e surgem novos caminhos para serem explorados, sendo um processo fundamental para enriquecer o conteúdo e conquistar a audiência. Fotografar em uma manifestação pode ser um exercício difícil de ser executado apenas em caráter testemunhal, estar imerso aos diversos acontecimentos podem nos tornar parte deles. Além disso, trabalhar com a pauta feminina em 2019, no calor de conflitos políticos contra diversos indivíduos, entre eles, ataques aos jornalistas e às mulheres, é um meio crucial de resistência e reafirmação.

As imagens de um evento social podem ter um impacto significativo na disseminação de informações relevantes e na formação da opinião pública. Os fotojornalistas são responsáveis por capturar imagens de situações importantes, como conflitos armados, desastres naturais e protestos políticos. Essas imagens podem ter um grande impacto em pesquisas históricas e em como o público percebe esses acontecimentos, podendo influenciar a opinião pública e motivar ações políticas. Além disso, o fotojornalismo pode ser uma ferramenta poderosa para chamar a atenção do público para o debate de questões sociais importantes, como a desigualdade de gênero, econômica e social, a discriminação e a violência. Os registros capturados pelos profissionais podem ser usados para educar e conscientizar o público sobre essas questões, levando a mudanças positivas na sociedade

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira; Brasília: INL – Instituto Nacional do Livro, 1986.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. **Manual de Segurança para a Cobertura de Protestos**. 2014. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/publicacoes/manual-de-seguranca-para-a-cobertura-de-protestos>. Acesso em: 15 mai. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. **Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil**. 2014. Disponível em: <https://abraji.org.br/publicacoes/monitoramento-de-ataques-a-jornalistas-no-brasil-relatorio-2022>. Acesso em 15 mai. 2023.

BARBOZA, David; ANTONINO, Maria Eduarda. **Marcha das Vadias: conexão Toronto-Recife**. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31279/18368>. Acesso em: 12 mai. 2023.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotojornalismo: uma viagem pessoal pelo fotojornalismo contemporâneo**. Editora Europa, 2011.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Editora Saraiva, 2011.

CAMPOS, Mariana de Lima. **Feminismo e movimentos de mulheres no contexto brasileiro: a constituição de identidades coletivas e a busca de incidência nas políticas públicas**. Revista Sociais e Humanas, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/27310/pdf>. Acesso em: 01 mai. 2023.

COLLARO, Antônio Celso. **Produção gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COUTINHO, E. **Fotojornalismo: A prática cotidiana**. Editora Senac São Paulo, 2009.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Papirus, 1998.

FREEMAN, Michael. **A narrativa fotográfica: a arte de criar ensaios e reportagens visuais**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **A transição tecnológica do fotojornalismo: da câmara escura ao digital**. Florianópolis: Insular, 2012.

GODOLPHIM, Nuno. **A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica**. Porto Alegre, 1995. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/wp->

[content/uploads/2022/12/fotografia-como-recurso-narrativo.pdf](https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2022/12/fotografia-como-recurso-narrativo.pdf). Acesso em: 21 mai. 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres**. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010. Disponível em: <https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2010/03/Origens-Dia-Internacional-das-Mulheres-PAG-de-credito.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2023.

GRINBERG, Lucia; RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk. **História dos movimentos sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2018.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas: do liberalismo ao fascismo**. São Paulo: Editora Ática, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>>. Acesso em: mai. 21. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Guia de editoração**. Brasília: Iphan, 2023. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/guia_editoracao_edicoes_iphan.pdf. Acesso em: 21 mai. 2023.

KAY, Sarah. **No Matter the Wreckage: poems by Sarah Kay**. Write Bloody, 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia como fonte histórica**. Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, 1980.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. Editora Ática, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MAZZILLI, Bruna Sanjar. **O fotolivro como espaço de complexidade e potência para a fotografia documental**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-03032021-164516/publico/BrunaSanjarMazzilli.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2023.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

RUFINO, Fernanda Maciel; VECHI, Bernardo Dinízio; SCHIESSL, Ingrid Torres; SHINTAKU, Milton. **Guia para a publicação de livros**. Brasília: Ibict, 2021.

Disponível em: <http://labcotec.ibict.br/omp/index.php/edcotec/catalog/view/23/21/733>. Acesso em: 21 mai. 2023.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. São Paulo: Summus, 1985.

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. São Paulo, 2013.

SOARES, Vera. **Movimento Feminista: paradigmas e desafios**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16089/14633>. Acesso em: 11 mai. 2023.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Companhia das Letras, 1977.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em: <http://repositorio.asces.edu.br/bitstream/123456789/1690/1/Livro%20Fotojornalismo%20introdu%c3%a7%c3%a3o%20FOTOJORNALISMO%20%281%29.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2023.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.